CIDADES MÉDIAS DO BRASIL E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: BREVE ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO DO CENTRO INDUSTRIAL SUBAÉ EM FEIRA DE SANTANA-BA

Matheus Gomes da Silva[1]; Diego Rebouças Costa[2]; Israel de Oliveira Junior[3]

RESUMO

O trabalho objetiva analisar o processo de reestruturação econômica brasileira no contexto das cidades médias, tendo como escala de estudo o município de Feira de Santana-Bahia. A pesquisa pautou-se em estudos bibliográficos sobre temas relacionados aos processos históricos, políticos e econômicos que tiveram rebatimento nos centros urbanos brasileiros, sobretudo nas cidades médias nordestinas.No ambiente político da ditadura militar, há esforços de uma interiorização das indústrias no território nacional, com a elaboração de políticas autoritárias e excludentes, para a inserção do Brasil no mercado capitalista mundial e no intuito de torná-lo uma potência econômica regional. O rebatimento dessa política é vivenciado no município de Feira de Santana, que experimenta uma modernização conservadora com a reestruturação econômica e implantação do polo industrial, denominado Centro Industrial Subaé (CIS). A instalação do CIS resolve alguns problemas econômicos imediatos, mas origina tantos outros, em função das novas demandas populacionais e econômicas.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva. Cidades médias. Feira de Santana-BA. Centro IndustrialSubaé.

INTRODUÇÃO

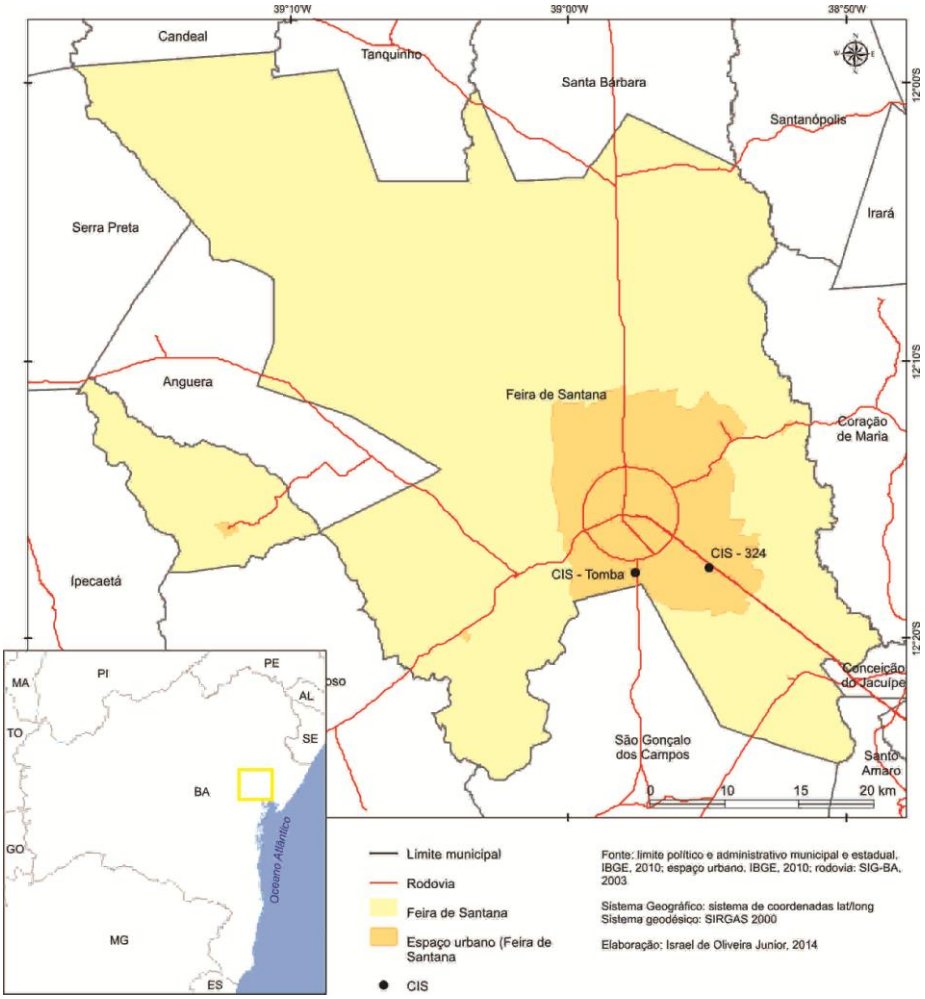
O presente trabalho visa contribuir com a discussão dos processos de reestruturação produtiva das cidades médias do Brasil e as consequências nas cidades médias nordestinas.

[1]Graduando em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e-mail: matheus19gomes@hotmail.com.
[2] Graduado em Geografia, UEFS, e-mail: drcosta_75@hotmail.com.
[3]Mestre em Geografia, Universidade Federal da Bahia, e-mail: iojjunior@gmail.com

Propõe-se obter uma visão ampla dessas transformações socioeconômicas e políticas partindo de uma análise escalar. Assim, inicialmente, discute-se o tema numa escala nacional, posteriormente abrange-se o regional no contexto nordestino e, por fim, discute-se o local, abarcando os reflexos desse processo no município de Feira de Santana-BA (Mapa 1).

Para tanto, buscou-se entender sobre o conjunto de elementos políticos e econômicos relacionados às transformações produtivas brasileiras e aos impactos decorrentes nas cidades médias. Assim, emBecker e Egler (1993) fundamentou-se sobre as transformações nacionais de cunho político, como o Golpe Militar de 1964, e econômico, com a modernização de caráter conservadora da economia brasileira; em Pontes (2006) entendeu-se as transformações no processo de produção capitalista e a repercussão nas cidades médias e nos estudos de Menezes e Menezes (1998) verificou-se as implicações na região Nordeste; nas pesquisas de Freitas (1998) e Freitas (2005) entendeu-se como Feira de Santana-BA inseriu-se nesse contexto de desconcentração industrial e, consequentemente, de reestruturação das suas bases econômicas.

Mapa 1 – Localização do município de Feira de Santana



BRASIL: POTÊNCIA REGIONAL E A URBANIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO

As transformações do capitalismo mundial na década de 1970 decorreram na classificação do Brasil como um país de semiperiferia e o tornou uma potência regional. Nesse momento, o país vivencia um breveciclo de crescimento entre 1967 e 1982, apoiado no endividamento externo e numa acentuada intervenção estatal, o que o constitui em um país semiperiférico. Alguns fatores contribuíram para o Brasil destacar-se nesse cenário, como a grandeza territorial e as riquezas naturais, mercado interno significativo e uma sólida base industrial construída na fase anterior.

A consolidação da política autoritária socialmente excludente pelos militares, que dominaram o cenário político brasileiro através da coação e do golpe entre os anos de 1964 e 1985, resultou numa modernização conservadora "responsável imediata pela emergência do país como potência regional" (BECKER; EGLER, 1993, p. 124).O Estado passou a valer-se das Forças Armadas para acelerar o plano de modernização e procurou realizá-lo por meio do controle dos fixos e dos fluxos econômicos, com a criação de um espaço tecnicamente homogeneizado. A idealização e a operacionalização das políticas tiveram um enfoque tecno-burocrático, oriundo da doutrina postulada como Segurança Nacional(BECKER; EGLER, 1993).

O Vale do Paraíba do Sul se tornou o *lócus* do projeto geopolítico moderno, isto por conta da sua posição estratégica econômica e militar (ligação entre as metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo), possuir terras férteis para a produção agropecuária e um ambiente pautado no tecnicismo (BECKER; EGLER, 1993).

As políticas de desenvolvimento regional implementadas nesse período eo crescimento das cidades criaram condições para o crescimento industrial sustentado por uma urbanização permanente, tornando as cidades como o espaço impulsionador para o desenvolvimento nacional (BECKER; EGLER, 1993). Isso significou uma nova base na logística da modernização acelerada e constituiu a área urbana como um ambiente de intensificação da mobilidade da força do capital, da força de trabalho, das instituições estatais e da difusão da informação controlada.

OS REFLEXOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVANAS CIDADES MÉDIAS: UMA ABORDAGEM EM FEIRA DE SANTANA-BA

No processo de desenvolvimento e consolidação da industrialização da economia brasileira, essa atividade se concentrou no estado de São Paulo. No entanto, a partir da década de 1970, decorre-se em alterações nas políticas espaciais e a relativa desconcentração da industrialização atividade econômica. O processo *desconcentração industrial*a partir de São Paulo em direçãoa outros estados e regiões, ocorreu com o objetivo de encontraroutros espaços vantajosos para reprodução do capital, com menor custo da força de trabalho, com incentivos fiscais, isenção de alguns impostos, instalações elétricas e de água, telefonia, entre outros facilitadores (MOTTA; MATTA, 2009).

As mudanças do modelo de produção capitalista e as repercussões nas políticas brasileiras ocasionarama desconcentração industrial. As alterações do sistema produtivo pautado nos ideias fordistas para afragmentaçãodo processo produtivo impulsionou uma desconcentração industrial multiescalar e o surgimento de novas áreas de desenvolvimento. Dentre estas novas regiões atrativas de investimentos encontram-se o Nordeste brasileiro, destacando-se cidades médiascomo Feira de Santana-BA, Campina Grande-PB, Caruaru-PE e outras, que tiveram seus papéis socioeconômicos reformulados.

Uma cidade média é compreendida por Pontes (2006) como “um centro urbano com condições de atuar como suporte às atividades econômicas de sua hinterlândia.”. As cidades médias podem manter relações diretas com o mundo globalizado e superar a dependência com a rede de influência da qual faz parte tradicionalmente (PONTES, 2006).A reestruturação produtiva é conceituada como:

> Uma redefinição estrutural dos processos de desenvolvimento das sociedades, a partir de sua inserção na globalização. Nesse processo, a economia mundial tem um papel estruturante e é responsável pela nova geopolítica do planeta, tendo-se observado uma redefinição das economias na direção dos centros de dinamismo do novo comércio mundialmente integrado em redes de trabalho (MENEZES; MENEZES, 1998, p.78).

Os autores (MENEZES; MENEZES, 1998) indicam que a reestruturação sucede-se da inserção da cidade numa rede de articulação gerencial inserida no mundo globalizado e da aplicação de novas tecnologias informacionais.

Segundo Pontes (2006), a dinamização dos núcleos urbanos regionais desempenha funções de polarização do desenvolvimento regional. No processo de reestruturação da rede urbana é importante reconhecer os novos papéis e valores atribuídos e desempenhados pelas cidades médias, as novas funções urbanas e as novas interações socioespaciais decorrentes, como as relações interurbanas. Nos últimos anos, a reestruturação urbana ocasionou em transformações espaciais das cidades médias

> "em face da implantação de novos serviços, sobretudos os logísticos, de informação, de comunicação, de transportes, de educação e de turismo. Apareceram, então, como alternativas de moradia, por oferecerem, ainda que em termos, melhores condições e qualidade de vida em relação às áreas metropolitanas (PONTES, 2006, p.335-336)."

As cidades médias começam a emergir um novo paradigma tecnológico, especialmente quando afetadas pela expansão do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1997), seja pela configuração territorial, seja pela possibilidade de geração de fluxos materiais e de fluxos imateriais. Esses resultam do expressivo crescimento econômico no qual sobressaem, primordialmente, as atividades de caráter urbano-industrial, comércio e serviços (SUPERITENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS ECONOMICOS E SOCIAIS DA BAHIA, 2010).

Conforme Pontes (2006), cidades nordestinas como Caruaru-PE, Feira de Santana-BA e Campina Grande-PB, surgem nesse contexto como tecnopolos,decorrentes das alterações provocadas em suas economias por meio da reestruturação produtiva, dasmudanças processuais do trabalho e das novas tecnologias nelas inseridas.Destarte, as cidades médias começaram a atrair a população, investimentos empresariais nos setores industriais e tornaram-se ambientes de interesse para a reprodução do capital.

Motta e Matta (2009,p.1) apontam que:

> "a importância das cidades médias reside no fato de que elas possuem uma dinâmica econômica e demográfica própria, possibilitando atender às expectativas de empreendedores e cidadãos, manifestadas na qualidade de equipamentos urbanos e na prestação de serviços públicos, evitando as deseconomias das grandes cidades e metrópoles. Dessa forma, as cidades médias se revelam como locais privilegiados pela oferta de serviços qualificados e bem-estar que oferecem."

No Nordeste, as políticas de desenvolvimento regional tiveram aporte da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). A criação da referida instituiçãoem 1959marca a incorporação progressiva da região nordestina ao processo de desenvolvimento nacional conduzido pelo governo federal, que até então se concentrava no Sudeste e Sul (SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE, 2014).

Freitas (1998, p. 120) acrescenta que a sua função era "unificar e reestruturar a açãodo governo federal garantindo unidade de direção para a promoção do desenvolvimento, atuando com uma industrialização mediante protecionismo". Os incentivos, tanto de âmbito fiscal, quanto financeiros e cambiais, favoreceram o deslocamento do capital produtivo para algumas cidades dessa região, fazendo com que o processo de transformação de suas estruturas produtivas fosseacelerado e desconcentrasse a produção nacional (MENEZES; MENEZES, 1998). Como consequência, a inserção das cidades nordestinas no processo de desenvolvimento nacional e de industrialização favoreceu o grande crescimento da economia brasileira entre as décadas de 1960 e 1980 (SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE, 2014). Ademais, em consequência da atuação da SUDENE, a economia nordestina, após um longo período de estagnação, experimentou no período de 1960/1970, um crescimento médio anual de seu Produto Interno Bruto (PIB) de 3,5%, enquanto a economia brasileira, nela incluída a do Nordeste, pode crescer, no mesmo período, à elevada taxa média anual de 6,1%. (SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE, 2014)."

Percebe-se, pois, que o crescimento da economia nordestina, assim como das cidades médias dessa região, foi resultado dasintervenções realizadas pelo governo, tais como a expansão e modernização da infraestrutura de transportes, energia e saneamento básico e a concessão de incentivos fiscais; ou seja, umaatuação estratégica para a operacionalização das políticas desenvolvimentistas.

As políticas de desconcentração industrial e de reestruturação produtiva do Brasil tiveram rebatimentos em Feira de Santana-BA com a criação do Centro Industrial do Subaé (CIS), implantado com apoio da SUDENE, pois o "governo do Estado, diante da recessão econômica na década de 60, pretendia inserir a Bahia na relação dos Estados industrializados do país orientando-se na política de desconcentração industrial adotada pelo governo federal" (FREITAS, 1998, p. 125).

Em Feira de Santana, o processo de industrialização é um reflexo da política nacional que visava retirar a América Latina do atraso econômico por meio da industrialização. Isto se torna uma justificativa para que a cidade passasse pela reestruturação produtiva que se materializou com a criação do CIS, em 1970, através da Lei Municipal nº 690/1970. A finalidade da criação do CIS era a de incorporar a cidade ao processo de desenvolvimento nacional, haja vista que o Estado necessitava de ampliação do capital e reportava-se para os interesses industriais externos, tendo na atração de multinacionais um reflexo dessa ação (FREITAS, 1998).

O Plano de Desenvolvimento Integrado elaborado pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana-BA, na década de 1970, foi um ponto importante para a transição da indústria tradicional para a nova indústria (BRITO, 1997), pois se reconheceu que o setor terciário já se mostrava como insuficiente e não adequado à produção industrial local e com a estrutura de consumo de produtos industrializados da cidade. Um desses entraves era o fato de não haver uma integração setorial, pois o setor primário do município não fornecia matéria-prima ao setor secundário e obrigava-o a buscar mais de 70% das matérias-primas em outras regiões, o que acarretava uma pesada sobrecarga nos custos produtivos.

Nesse momento, esperava-se que Feira de Santana, com a criação do CIS, se modernizasse do ponto de vista industrial e que o comércio, até então a atividade propulsora da economia local, fosse substituído pela indústria. De acordo com Oliveira (1997 *apud* Freitas, 2005, p.117):

> "a instalação do CIS significou o início de novos tempos para Feira de Santana e região: inicia-se uma nova fase econômica não mais baseada no comércio que prometia assegurar a sua expansão através da industrialização. Fruto das ideias desenvolvimentistas, surgidas a partir da década de 50, com a promessa de superação das desigualdades regionais, o crescimento do setor secundário foi preconizado como agente central da redução das disparidades."

OCIS é criado com a intencionalidade de satisfazer as necessidades de expansão do capital, assim como da desconcentração espacial das indústrias no Brasil. Tornou-se, inclusive, uma tentativa de sanar a crise pela qual vivenciava o município na época e fazer frente à divisão internacional do trabalho e às políticas desenvolvimentistas numa perspectiva regional. No entanto, as referidas políticas econômicas não se configuraram como a solução para os problemas socioespaciais vigentes. Nesse processo, a criação do CIS promoveu a solução de poucos problemas e originou novas demandas municipais, uma vez

que constituiu em um objeto técnico de atração populacional. Assim, a cidade não acompanhou o crescimento populacional com obras de assistência social, laser, infraestrutura urbana, escolas, serviços de saúde, controle ambiental do uso e ocupação do solo urbano e outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações do capitalismo mundial incluiu o Brasil entre os países periféricos e como uma potência regional, sobretudo na América do Sul. Isso constituiu em um resultado imediato das políticas desenvolvimentistas elaboradas nas estratégias econômicas do governo militar brasileiro, entre as décadas de 70 e 80, que tinham entre as características o autoritarismo e a exclusão social.

Nesse período, iniciou-se um projeto geopolítico que resultou numa modernização conservadora, responsável pela ascensão do paísna economia sul-americana,como uma potencia regional. A industrialização brasileira concentrou-se na região Sudeste e os primeiros passos de descentralização decorrem-se a partir da década de 1970, devidos às alterações produtivas do modelo capitalista e o interesse de ampliar o espaço do capital no país. Isso reflete em muitas cidades médias do interior do Nordeste, como em Feira de Santana.

As políticas economicistas nordestinas foram originadas no âmbito da SUDENE e as ideias e ações relacionadas à desconcentração industrial e à reestruturação produtiva do Brasil tiveram rebatimentos em Feira de Santana-BA,com a criação do CIS.O interesse na implantação do CIS era o de fomentar a modernização do município, o de configurar um polo industrial regional, satisfazer as demandas do capital por novos mercados produtivos, expandir o capital, desconcentrar, espacialmente, as indústrias no território nacional e contribuir com respostas contra a crise econômica vivenciada no período.

Nos dias atuais, as cidades médias possuem um desempenho considerável na dinâmica assumida pela urbanização brasileira e tornaram um espaço privilegiado de reprodução do capital, a exemplo de Feira de Santana. A partir da inserção delas na rede global houve um desenvolvimento de uma articulação espacial, quase sempre extranacional, o que culminoucom a introdução de atividades modernas e conservadoras. Nesse contexto, grande parte da população local não é introduzida no processo de produção industrial devido à inexistência de qualificação profissional e ampliam as desigualdades sociais urbanas.

REFERÊNCIAS

BECKER, B.; EGLER, C.**Brasil**: **uma nova potencia regional na economia-mundo.** São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

FREITAS, M. I.C. O **Omovimento metamórfico do capital e reestruturação produtiva:** o caso do Centro Industrial de Subaé. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2005.

FREITAS, N. B. **Urbanização em feira de Santana**: influência da Industrialização 1970-1996.Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 1998.

MENEZES, A. M. F.; MENEZES, E V. O nordeste brasileiro no processo de reestruturação econômica: inclusão ou exclusão. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 18, p. 75-98, jan/jun, 1998.

MOTTA, D; MATTA, D. A importância da cidade média**. Desafios**. **Ano 6, n. 47, s/p, 2009.**Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1002:a-importancia-da-cidade-media&catid=29:artigos-materias&Itemid=34>. Acesso em:15 abr. 2014.

PONTES, B. M. S. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: SPOSITO, M. E.; SPOSITO, E; SOBARZO, O. **Cidades Médias:** produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo; razão e emoção. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Bahia análise e dados**: cidades pequenas e médias – reflexões teóricas e aplicadas. Salvador: SEI 2010.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE (SUDENE). 2014. **Contribuição da SUDENE ao desenvolvimento do Brasil. Disponível em: <http://www.sudene.gov.br/sudene> Acesso em: maio de 2014.**